A CAMPANHA GAÚCHA NA OBRA DE CYRO MARTINS*

Carlos Roberto da Rosa Rangel**
Simone Becker Ferreira***
Fabíula dos Santos Martens****

Resumo: o artigo aborda as transformações da Campanha gaúcha nas décadas de 1930 a 1960, utilizando-se da trilogia literária do *gáucho a pé*, de Cyro Martins. Percebe-se que obra de Cyro Martins expressou o choque entre o tradicional e o moderno, assim como entre o estilo de vida rural e o urbano, com a consequente marginalização do trabalhador rural e diminuição do poder político da oligarquia agrária.

Palavras-chave: História. Literatura. trabalhador rural.

THE GAUCHO CAMPAIGN IN THE WORK OF CYRO MARTINS

Abstract: *this paper explores the transformations of the* Rio Grande do Sul Campanha *region from 1930 to 1960, using the literary trilogy* gaucho a pé *by Cyro Martins. We can see that the work of Cyro Martins expressed the clash between the traditional and modern as well as the rural lifestyle and urban with the consequent marginalization of rural workers and decrease of the political power of the oligarchy.*

Keywords: *History. Literature. Rural workers.*

O presente artigo apresenta alguns resultados obtidos na pesquisa desenvolvida por uma equipe constituída do professor e de duas bolsistas de iniciação científica, os quais trabalharam no ano de 2009 com o apoio do Centro Universitário Franciscano na análise da *Trilogia do gaúcho a pé* de Cyro Martins, formada de três obras, Sem rumo (1937), Porteira Fechada(1944) e Estrada Nova (1954). A pesquisa estabeleceu o diálogo entre a crítica literária e a História, procurando aprofundar o conhecimento sobre as representações coletivas acerca do processo de urbanização e esvaziamento demográfico dos campos, na região da campanha gaúcha, nas décadas compreendidas entre 1930 e 1960.

As fontes empregadas, além das obras literárias destacadas, constituíram-se de dados estatísticos e demográficos extraídos dos Anuários Estatísticos do Brasil, bem como da bibliografia atinente à historiografia regional e de algumas produções desenvolvidas por geógrafos que se ocuparam dos movimentos demográficos ocorridos na Região Sul do Brasil.

Outras contribuições teóricas e conceituais serão apontadas ao longo do artigo, em especial àquelas que destacam os efeitos da conjuntura histórica sobre a produção, circulação e recepção das obras literárias. Esse referencial articulado com os dados estatísticos e historiográficos teve o propósito de demonstrar que a *trilogia do gaúcho a pé* foi produzida e ganhou representatividade na literatura regionalista sul-rio-grandense na medida em que tanto denunciou o estado de penúria social do trabalhador rural, quanto mostrou as transformações do espaço urbano das pequenas cidades da Região da Campanha gaúcha.

AS TRANSFORMAÇÕES NA CAMPANHA GAÚCHA

No prefácio de *Sem rumo*, reeditado em 1977, Cyro Martins (1977) faz uma breve retrospectiva do caminho editorial da obra, lembrando que foi escrito originariamente em Quaraí, no ano de 1935, tendo sua primeira edição em 1937, pela Editora Ariel. Segundo o autor, *Sem Rumo* não foi escrito propositalmente como a primeira etapa da trilogia do *Gaúcho a Pé* – designação que surgiu depois por motivos de marketing – mas reconhece que há uma indiscutível unidade entre esta obra e as duas seguintes, *Porteira fechada* (1944) e *Estrada Nova* (1954).

A unidade mencionada anteriormente diz respeito aos tipos sociais da campanha gaúcha (Figura 1, mesorregião Sul), especialmente aquele denominado "gaúcho a pé", ou seja, o personagem marginalizado pela urbanização e mecanização dos campos. Seguindo os cânones dos romances regionalistas das décadas de 1930 e 1940, Cyro Martins procurou expressar as desigualdades sociais e o ambiente de exploração a que estavam submetidos os setores subalternos da sociedade agrária regional por meios das desventuras de seus protagonistas: Chiru em *Sem Rumo*, João Guedes em *Porteira fechada* e Janguta na obra *Estrada Nova*.

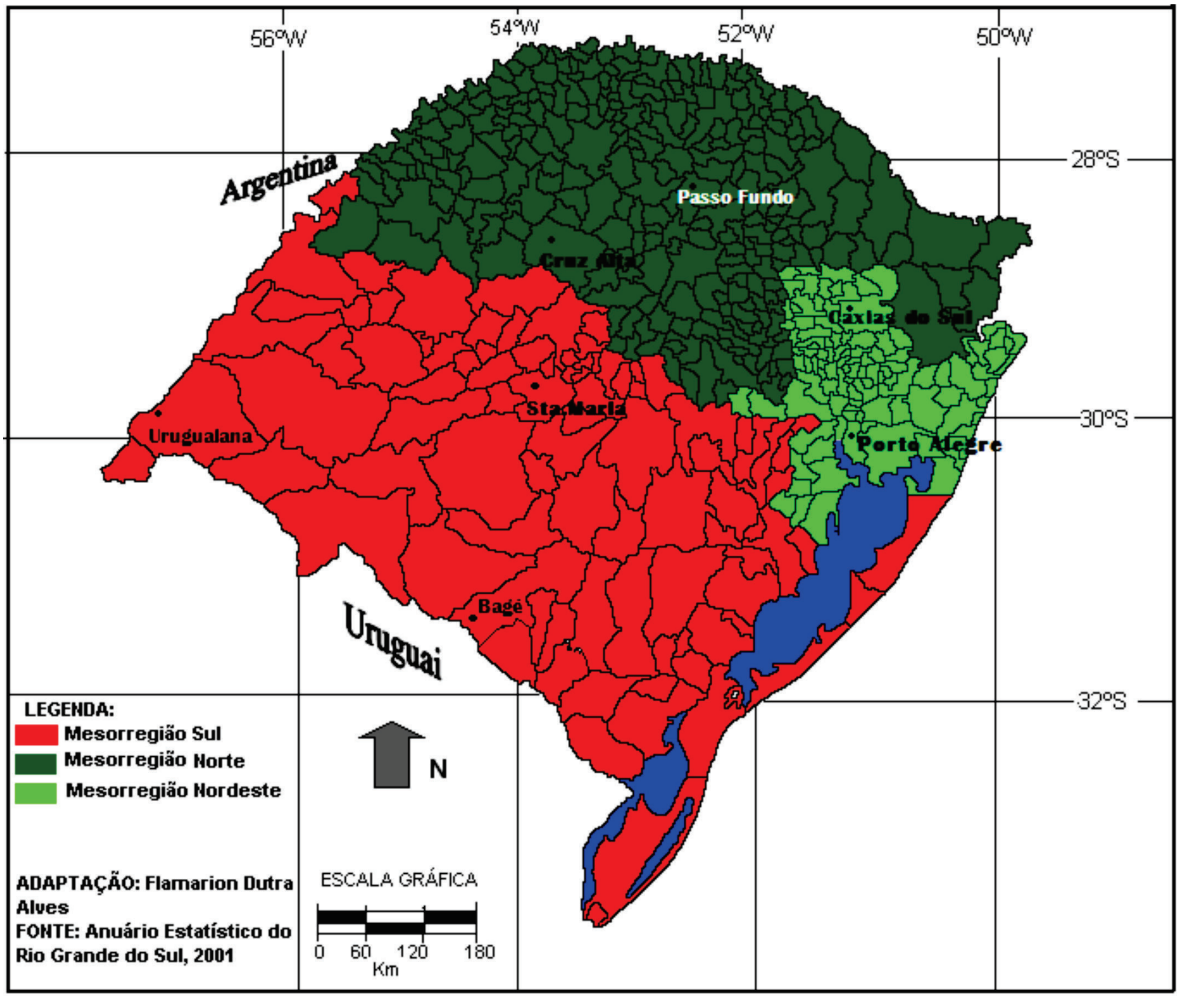


Figura 1: Localização da mesorregião sul, norte e nordeste do Rio Grande do Sul, conforme classificação de Alonso et al (1994).

Para Marobin (1985), os romances regionalistas das décadas de 1930 e 1940 tiveram a peculiaridade de destacar as questões centrais da sociedade sul-rio-grandense que de fato excluiu o pequeno pecuarista em benefício dos grandes proprietários de terras. Essa perspectiva distanciou-se de obras de cunho nativista como Bromélias (1874) de Apolinário Porto Alegre, a qual destaca o gaúcho heróico, altaneiro, livre e plenamente integrado à sociedade rural, dominada por uma aristocracia agrária que exercia, a um só tempo, o controle econômico e a liderança militar sobre seu conjunto de peões, agregados e dependentes.

Na conferência que ministrou em 1944, Martins (1977, p. 15) destacou o posicionamento sociológico da sua produção, lembrando ser fruto dos conhecimentos adquiridos com autores importantes da literatura gauchesca, como também dos processos ocorridos dentro da literatura brasileira, Dentre esses autores, Cyro Martins reconheceu a relevância de Alcides Maya com *Alma Bárbara*, Ramniro Barcellos com o poema *Antonio Chimango* e Simões Lopes Neto com *Contos Gauchescos* e *Lendas do Sul*, como precursores de obras regionalistas sul-rio-grandenses que acabaram por estimular uma visão mais crítica sobre as reais condições de existência do trabalhador rural na região da Campanha Gaúcha.

Em 1944, Cyro Martins já demonstrava que tinha clara percepção do choque, não apenas de sensibilidades, mas das condições de existência que se polarizavam entre um tradicional e um moderno, entre um estilo de vida rural que se perdia e uma urbanização acelerada e caótica, na qual os imigrantes vindos do campo não encontravam as condições de existência digna. Segundo suas palavras:

> Enquanto florescia nas cidades, especialmente na capital, esse fervor pelo enfático e pelo declamatório, o homem da nossa campanha, cuja índole conservadora as novas circunstâncias da vida começavam a pôr em cheque, fazendo-o confrontar-se com contingências que o afastariam definitivamente do tradicionalismo campeiro – o nosso gaúcho, alvo de tantos hinários grandiloquentes, de tantas declamações desperdiçadas, perdia o entono de guapo e entrava paulatinamente numa fase de insegurança existencial, que culminaria na penúria desastrada de hoje (MARTINS, 1977, p. 16).

O realismo social presente na narrativa de Cyro Martins cria uma situação de verossimilhança que o aproxima da narrativa histórica, sem se confundir totalmente com ela. Como destacou Ricœur (2007, p. 253-9) a coerência narrativa depende a um só tempo de um referencial externo – que o estruturalismo procurou negar como dimensão legitimadora da "verdade histórica" – e de uma estrutura interna que permita a "conexidade causal ou teleológica", associada ao fenômeno cognitivo da explicação/compreensão.

Recordando o que destacou Ricœur (2007, p. 255-6), valendo-se das reflexões de Aristóteles em *Poética*, o *acontecimento* econômico e social da transformação do modo de vida do campo e o conseqüente aprofundamento da urbanização nos anos 1930-1960 é explicado pela narrativa literária de Cyro Martins tendo em conta a intriga dos seus romances e também a verossimilhança com um referente externo que era a sociedade na qual ele e seus leitores contemporâneos estavam imersos. Dessa dupla dimensão cognitiva e estética, surge a potencialidade explicativa/compreensiva da narrativa literária e sua aproximação com a narrativa histórica a partir de um mesmo referencial externo.

Essa estratégia de realismo social foi fartamente explorada pelo movimento modernista e o exemplo bem-sucedido dos escritores nordestinos, que transformaram temas regionais em abordagens universais, certamente incentivou Cyro a buscar uma expressão estética para o tipo social gaúcho que escapasse da tradição épica. Desse modo, o autor buscou um estilo literário e uma seleção de temas, personagens e espaços de sociabilidade que pudessem aprofundar a compreensão do gaúcho como um tipo social marginal. Sua inspiração no regionalismo literário nordestino transparece quando Cyro confessa ter tomado Gilberto Freyre como um dos seus parâmetros sociológicos, na medida em que optava pela "simplicidade de expressão, simpatia humana pelos assuntos cotidianos e pelo mais próximo de cada um de nós: nosso passado íntimo" (MARTINS, 1977, p. 19).

Para marcar sua cisão com os literatos ufanistas do gaúcho herói, Cyro faz a distinção de localismo e regionalismo. Para ele, este último era ufanista, dedicava-se ao herói e ao heroísmo. Já o localismo queria expressar a dura realidade dos tipos sociais, as desigualdades e as injustiças a que estavam submetidos. Nesta perspectiva, o homem deixava sua condição de semideus e tornava-se essencialmente humano, capaz de coisas mesquinhas assim como de atos de elevada coragem moral.

A opção pelo localismo remete para uma metodologia que busca a compreensão aprofundada das interações entre os indivíduos e destes com o meio ambiente, buscando-se desvelar a dramaticidade que existiria na vida cotidiana. Para dar conta desse propósito e dessa metodologia, Martins (1993) organizou a obra *Porteira Fechada* fazendo com que cada capítulo destacasse um personagem, com suas relações sociais e psique individual (colocado em relação de intriga com o meio físico e social que o envolvia de forma asfixiante. É preciso lembrar que Cyro Martins estava inserido no contexto intelectual da primeira metade do século XX, quando houve na Sociologia um grande destaque para o cotidiano e para a subjetividade dos indivíduos em situações de graves mudanças de estilo de vida, sobretudo nas conjunturas de êxodo rural ou de intensa industrialização.

Entre os sociólogos que mais avançaram nessa direção, inspirando toda uma corrente de pensamento que obteve grande repercussão em centros acadêmicos como na *Escola de Chicago*, encontrava-se George Simmel (1987). Este sociólogo alemão debruçou-se sobre questões que já haviam mobilizado as reflexões de Durkheim (2000), as quais indagavam como os indivíduos integram-se à vida social? Como a subjetividade individual e a objetividade crítica podem ser articuladas na interpretação dos fenômenos sociais? Em síntese, como ver o universal no particular?

Simmel, afastando-se do determinismo social de Durkheim, destacou o fenômeno da socialização como sendo a ação recíproca dos indivíduos dotados de subjetividades, de tal maneira que não haveria um puro individualismo, mas modalidades segundo as quais os indivíduos estariam em contato uns com os outros. Dessa primeira compreensão, veio o conceito central na teoria de Simmel que era o de *forma social*. As formas sociais forneceriam os parâmetros pelos quais os indivíduos encontrariam referências sobre a sua localização social, suas possibilidades de ação e interação social, não de maneira passiva diante de estruturas modeladoras do comportamento, mas por meio de adaptações que poderiam ser mais ou menos complexas ou traumatizantes, de acordo com a gravidade das mudanças sociais nas quais estariam imersos.

Os personagens de Cyro Martins, tomados um a um, na maneira como organizou os capítulos dos seus romances, conduzem o leitor à compreensão da subjetividade individual diante de um quadro social asfixiante e embrutecedor, no qual a individualidade é sufocada pelas necessidades mais urgentes da vida e a estrutura social se reproduz pela manutenção das condições de pobreza.

Veja-se o personagem Manuel Garcia, apresentado inicialmente nas páginas 55 a 60, de *Sem Rumo* (1937). Percebe-se a preocupação do autor em discutir a localização social do personagem na ambivalência entre um passado urbano que poderia ter oferecido uma carreira promissora no exército, no comércio ou no banco, e um presente rural no qual Manuel levava uma "vidinha miserável, própria de indivíduos incapazes". Este personagem não teve as suas condições materiais da sua existência melhorada, mas sentiu-se destacado socialmente quando aceitou ser militante partidário do oligarca local e, em troca, recebeu o cargo de professor dos meninos daquela localidade. O fato de ser semi-analfabeto e tratar os meninos com imensa brutalidade, preservando-os no analfabetismo para não progredirem nos estudos e o deixarem sem emprego, não impediam que Manuel sentisse enorme orgulho por ter ascendido socialmente diante de seus vizinhos empobrecidos.

O padrão social imposto aos grupos mais pobres estava alicerçado na política coronelística, caracterizada pelas relações de poder local estabelecida entre o chefe político e um conjunto de servidores públicos, dependentes, agregados, empregados rurais, afiliados e um sem número de candidatos ao favorecimento pessoal. Segundo Loiva Otero Félix (1996), no Rio Grande do Sul, essas relações que favoreciam a cooptação política guardavam algumas características especiais que distinguiam o coronel sul-rio-grandense dos demais tipos de lideranças regionais no Brasil.

Para esta pesquisadora, além do poder obtido pela primazia de conduzir a intermediação burocrática entre a localidade e as altas esferas dos poderes executivos estadual e nacional, o coronel tinha que demonstrar forte liderança sobre os demais agentes econômicos e políticos da sua área de influência, pois diante da menor fraqueza tinha suas prerrogativas ameaçadas pelo poderoso partido estadual, o Partido Republicano Rio-grandense (PRR), ou do seu forte rival, o Partido Federalista, posteriormente convertido em Partido Libertador.

Portanto, tratava-se de um equilíbrio frágil e que tinha de ser constantemente assegurado pelo controle social, frequentemente exercido por uma força pública violenta (a Brigada Militar) e por corpos provisórios que eram grupos de bandoleiros armados a comando de um chefe político. Complementar

ao poder político, havia a necessidade de manter lucrativas as atividades econômicas de uma economia rural deficitária em tecnologia e financiamento.

Os chefes políticos locais estavam fortemente ligados à economia pastoril e esta se caracterizava pelo atraso técnico em relação aos países platinos, (no Rio Grande do Sul levava-se cinco anos para o abate e no Prata dois anos e meio). Sobre esse contexto, Pesavento (1980, p. 13-22) destaca que o complexo pecuário sul-rio-grandense refletia um atraso em função do predomínio do latifúndio, na medida em que a "propriedade da terra altamente concentrada apresentava-se como um limite para a modernização da pecuária em moldes capitalistas", implicando em baixa inversão de capital. Portanto, a manutenção dessa estrutura econômica e fundiária estava associada à manutenção de uma oligarquia política que necessitava de um estreito relacionamento com o poder central, em virtude das vendas do charque para o mercado interno, facilmente prejudicado pela pecuária platina, tecnologicamente mais desenvolvida.

A fraca utilização do potencial produtivo da terra e seus efeitos sobre a população mais pobre eram plenamente conhecidos pelas lideranças do PRR, tal como se observa na declaração de Getúlio Vargas, em 1929, durante o III Congresso Rural:

> As grandes extensões territoriais, onde apascenta o gado, atendido por um reduzidíssimo pessoal jornaleiro, às vezes mal alimentado e mal pago, contribuem para aumentar o pauperismo nas cidades. É preciso retaliar os' latifúndios, dividir em pequenas glebas e cuidar da cultura intensiva dos campos (PESAVENTO, 1980, p. 67).

Cyro Martins era um jovem médico na década de 1930 e testemunhou a estagnação desse modelo produtivo, transpondo para a obra literária a paralisia e a decadência do ambiente rural na medida em que retratava na obra *Sem rumo* a paisagem estática e previsível; o silêncio e o abandono do velho João Antônio (peão agregado que vivia sob o teto do galpão); o casario da fazenda que permaneceu fechado cheirando a mofo, após a saída e a morte do proprietário; o esforço do então novo professor rural da localidade, Manuel Garcia, em não fazer as crianças alfabetizarem-se para poder continuar recebendo do governo; a ansiedade do jovem *Chiru* em buscar no horizonte algo novo que o tirasse daquele lugar e o apresentasse ao mundo exterior.

O protagonista *Chiru* fugiu da fazenda onde era explorado e foi trabalhar como auxiliar de um carreteiro, conduzindo um veículo tracionado a bois, justamente quando os primeiros caminhões surgiam para substituir esse transporte tradicional. Nas páginas 75 e 76, há a expressão do sentimento de impotência diante da modernização que se avizinha, quando *Chiru* e seus companheiros de carreteada jogaram taxas na estrada para furar os pneus dos caminhões.

A imagem do caminhão sobre a mesma estrada dos tropeiros, transportando o produto da agropecuária, foi utilizada por Cyro Martins para expor os três níveis de desenvolvimento do capitalismo que estavam sobrepostos naquele espaço histórico-social: um mundo rural e antigo, das charqueadas, que se encontrava defasado em nível tecnológico e cuja produção não se coadunava com o processo modernizador; as estâncias, que eram as grandes propriedades, também com estruturas arcaicas e, por último, os frigoríficos que contrastavam naquele mundo por suas técnicas modernas e lucrativas, que desencadeavam uma competição desigual entre as duas primeiras dimensões apresentadas. Porém, em um aspecto vital, todas essas estruturas se assemelhavam: nenhuma delas conseguia absorver a mão-de-obra excedente da região, o que dificultava a implantação de uma economia capitalista fortemente alicerçada sobre o consumo.

O ambiente histórico-geográfico no qual os protagonistas das três obras, *Chiru*, João Guedes e Janguta, têm de encontrar o "seu lugar social" é a decadente Campanha gaúcha, o que os leva a experimentarem a ausência de perspectivas materiais e sociais que presumidamente existiriam nas cidades. Entretanto, a urbanização da Campanha Gaúcha não contava com os aparelhos urbanos ou com a impulsão econômica que tinham, por exemplo, as emergentes cidades da região colonial sul-rio-grandense. As cidades da porção mais ao sul do estado eram resultado de um povoamento mais antigo, decadente, paralisado pela política conservadora e pela exploração social. *Chiru*, por exemplo, logo nos primeiros minutos de contato com esse ambiente urbano percebe ser um "sem-lugar", pela ausência de uma personalidade civil que o localize diante dos primeiros habitantes do local: sem saber identificar-se e sem poder dizer a que ocupação dedicava-se, foi preso por vadiagem.

Sabe-se, conforme ilustra Oliven (1992, p. 69-90), que o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XX, não correu de maneira homogênea. A região da Campanha foi se afastando em rendimento, prestígio e importância em relação à região colonial, criando-se um paradoxo segundo o qual a identidade gaúcha retirava seus elementos de identificação do estilo de vida da Campanha, mas a sustentabilidade e o progresso econômico vinham do ambiente urbano do seu espaço mais tardiamente ocupado. Como indício dessa inversão veja-se a tabela elucidativa abaixo, na qual importantes cidades da Campanha como Bagé e Uruguaiana são contrastadas com o mais importante foto de industrialização da região colonial:

Tabela 1: Comparação do índice de desenvolvimento entre Campanha e Região Serrana

Parâmetro	**Local**	**1939**	**1980**
Participação no PIB do RS	Bagé	4%	2%
	Uruguaiana	7%	3%
	Caxias	5%	8%
Renda per capita	Bagé	20% acima da média do RS	19% abaixo da médiado RS
	Uruguaiana	13% acima da média do RS	12% abaixo da média do RS
	Caxias	30% acima da média do RS	35% acima da média do RS

Fonte: Oliven (1992, p. 70).

A decadência do meio rural não estabelecia uma dicotomia com o meio urbano da região da Campanha. Também as cidades passaram por um agravamento da sua situação em virtude do êxodo rural e da baixa oferta de empregos. Cyro Martins reapresenta esse grave quadro social na obra *Sem rumo*, quando cria o ambiente urbano no qual *Chiru* teve de construir vida nova com mulher e filho, mostrando este ambiente como pequeno, sujo, desorganizado, pobre e sem oportunidades de trabalho. Propositalmente, Cyro conduz seus personagens para um estado limite, no qual o antigo desmorona, mas o novo ainda não assume o seu lugar. Esse estado intermediário entre a esperança e a frustração, entre as possibilidades de mobilidade social e o aprisionamento às condições de subsistência conduzem os personagens para a ruptura com os laços sociais e com o meio ambiente.

Importante destacar que Cyro escreveu sua segunda obra da trilogia oito anos depois de *Sem Rumo* e que nesse intervalo de tempo publicou *Enquanto as águas correm* (1939) e, depois, *Mensagem errante* em 1942. Na primeira obra, Cyro dá continuidade ao que havia escrito em *Sem rumo* e realiza um preparativo sobre o que escreverá em *Porteira Fechada*. O protagonista dessa obra intermediária (*Enquanto as águas correm*) sofre psicologicamente o abandono social e emocional, perde-se em uma pequena cidade sem referências ou identidade que pudesse constituir um "eu" em clara alteridade com os "outros". A beira de um rio, o personagem ingressa em um quadro de anomia social voluntária, envelhecendo e passando a mendigar ou depender do auxílio de uma prostituta que o ampara.

Esse quadro sombrio e decadente, sem deixar maiores esperanças para a realização humana do protagonista, pode remeter para o período histórico no qual Cyro estava imerso naqueles anos que antecederam a II Guerra Mundial, quando o sentimento de civilização e de progresso moral da humanidade desfazia-se diante do genocídio que se avizinhava. Soma-se a esse quadro cultural e psicológico o choque da modernização sobre as comunidades rurais, que passaram a ser submetidas a novas relações econômicas próprias do capitalismo urbano-industrial.

Mas ainda não era a indústria sobrepujando a terra como elemento central das trocas e referência de status econômico. Nesta perspectiva, os personagens de *Porteira Fechada* (1944) são emblemáticos, como se vê em Júlio Bica que é um jovem e próspero capitalista que empresta dinheiro a juros aos médios e pequenos proprietários de terra, levando-os ao endividamento e até ao suicídio (como foi retratado na obra com o suicídio de Bento e, posteriormente, também do protagonista, João Guedes).

Cyro também destaca a existência de uma burguesia urbana representada pelos empreendedores e funcionários públicos (personificados na obra pela família de Oscar e Querubina) o que remete para o fortalecimento de novos segmentos sociais e novos padrões de estratificação social e enfatiza a mobilidade vertical ascendente daqueles que tiveram acesso à escolarização e ao aperfeiçoamento profissional, em contraponto com a massa de ex-trabalhadores rurais que se encontravam na mais absoluta penúria, sem poder retornar à vida rudimentar dos campos e tendo de encontrar um lugar nas novas relações de produção que se estabeleciam.

A segunda obra da trilogia do gaúcho a pé, *Porteira fechada*, transita, como a anterior, entre o mundo rural e o urbano, ainda muito próximos um ao outro. Entretanto, diferente de *Sem rumo*, a segunda obra enfatiza mais acentuadamente a diferença do ambiente urbano e rural, idealizando o segundo e apresentando as cidades como o lugar de desintegração psicológica dos indivíduos e da desagregação das comunidades básicas (família, vizinhança, grupos de trabalho rural etc.).

Cyro Martins, mesmo dizendo-se não-regionalista, traz em seu personagem principal, João Guedes, um conjunto de identificações recorrentes aos elementos consagrados ao tipo social que era o trabalhador rural da região da Campanha: o homem do campo, honesto, rude, que sustenta sua família com o que tira do seu trabalho braçal, especializado na pecuária e na agricultura de subsistência, dotado de uma linguagem e de um conjunto de valores facilmente associados às comunidades rurais do interior do Rio Grande do Sul.

Há nas duas primeiras obras da trilogia um nítido teor reacionário em relação à modernidade, mas não se encontra o mito do retorno ao paraíso perdido ou à idade de ouro. Diferente do saudosismo e do escapismo que se fariam tão presentes no movimento tradicionalista a partir da década de 1950, Cyro Martins não dá ao seu enredo uma perspectiva de solução no passado e tão pouco no futuro.

Esse pessimismo tem sua referência no êxodo rural perceptível nas décadas de 1940 e 1950 (ver tabela n. 2) com os deslocamentos populacionais da Campanha Gaúcha para a mesoregião Norte e Nordeste do estado, que foi um fenômeno associado à progressiva especialização das atividades do campo, com a consequente redefinição da divisão social do trabalho, na qual se tornava necessário que a mão-de-obra rural diminuísse e o contingente de trabalhadores fosse liberado para ocupar novos postos na cadeia produtiva e de consumo.

Tabela 2: População nas mesorregiões Norte, Nordeste e Sul do RS

	Pop. Total	Nordeste	(%)	Norte	(%)	Sul	(%)
1920	2.182.713	599.591	27,5	703.488	32,2	879.634	40,3
1940	3.320.689	849.100	25,6	1.287.099	38,8	1.184.490	35,6
1950	4.164.821	1.111.174	26,7	1.689.668	40,6	1.363.979	32,7
1960	5.448.823	1.670.609	30,7	2.137.573	39,2	1.640.641	30,1
1970	6.755.458	2.315.771	34,3	2.511.003	37,2	1.928.684	28,5
1980	7.773.837	3.125.860	40,2	2.602.680	33,5	2.045.297	26,3
2002	10.398.133	5.022.298	48,3	2.827.252	27,2	2.548.583	24,5

Fonte: Alves (2008, p. 8).

Percebe-se que a região Sul (Campanha Gaúcha) entre as décadas 1940 e 1970 reduziu seu percentual na população total, enquanto as outras duas regiões aumentaram sua participação. Após a década de 1970, o Norte e o Sul diminuíram seu percentual, na medida em que a região Nordeste atraia maior migração populacional em virtude da acelerada industrialização e oferta de empregos.

Diante dessa conjuntura na qual os centros urbanos próximos de Porto Alegre e do litoral desenvolvem-se industrialmente, as pequenas cidades da porção mais ao sul estagnam-se. Essa realidade transparece na obra *Porteira fechada* quando se destaca o lado sombrio da vida numa cidadezinha da fronteira. Ali não existe um final feliz, pois aos pobres, Cyro Martins delegou o tripé miséria-doença-morte; aos antigos poderosos, a decadência e o abandono de seus agregados e dependentes e aos segmentos médios, uma vida de mesquinharias.

No entanto, somente as transformações do capitalismo nas décadas de 1940 e 1950 não bastam para dar conta dos problemas sociais ou da compreensão deles nas obras de Cyro Martins. Inicialmente, porque nas décadas mencionadas ainda não havia ocorrido o esgotamento da fronteira agrícola[1] do estado, concomitante com a idealização do espaço urbano como o lugar de melhores condições de vida. Além disso, a transposição das pessoas do espaço rural para o espaço urbano não ocorreu dentro de um processo lento, gradual e coerente com o crescimento econômico.

Explicando melhor, na divisão social do trabalho, a cidade deveria seguir o ritmo de expansão da produção (o que não ocorreu nas cidades pequenas e economicamente atrasadas, retratadas por Cyro Martins) e o campo assumiria a função de gerar excedentes e liberar a mão de obra que iria suprir as necessidades das indústrias, tanto em trabalho quanto em consumo. Portanto, os personagens miseráveis de Cyro Martins estão à margem desse processo de mudança estrutural da economia, que no Brasil assumiu um perfil dramático.

Na realidade geral do Brasil e de maneira particular na região da Campanha gaúcha, não houve uma estruturação macroeconômica contínua e coerente com os efeitos da modernização dos meios produtivos. O que ocorreu foi um conjunto de políticas de favorecimento à industrialização, e até certo ponto de urbanização, em detrimento da vida no campo. As consequências dessas transformações mostraram-se com a concentração fundiária, a sobrevalorização da terra, o advento da monocultura em detrimento da policultura e da subsistência familiar das pequenas propriedades. Como nos aponta Lisboa (1987, p. 31):

> Esse ciclo, concentração fundiária-concentração da renda agrícola-demanda por terra-concentração fundiária, em verdade transforma-se em um processo circular cumulativo. Quanto maior a produção de excedente que, por sua vez, ira exercer uma mais forte demanda opor terra; resultando numa crescente valorização especulativa desse recurso, fato que tornará o preço da terra cada vez menos acessível aos pequenos agricultores [...].

O processo de concentração fundiária é particularmente apresentado na terceira obra da trilogia, *Estrada Nova* (MARTINS, 1995). O personagem Janguta vivia como arrendatário de um pedaço de terra que acaba sendo vendido a um grande financista que pretende desenvolver o rebanho ovino na região. A disponibilidade de capital para as médias e grandes propriedades só fez fortalecer essa tendência de desalojamento dos arrendatários, mas é importante destacar que, no contexto histórico utilizado por Cyro Martins, a população rural ainda representava mais da metade da população total, como se observa na Tabela 3.

Tabela 3: Evolução da população urbana e rural no Rio grande do Sul – 1940-1980

Ano	*Urbana*	*%*	*rural*	*%*	*Total*
1940	1.034.395	31,15	2.286.294	68,85	3.320.689
1950	1.421.980	34,14	2.742.841	65,86	4.164.821
1960	2.418.969	44,89	2.969.690	55,11	5.388.659
1970	3.553.006	53,31	3.111.885	46,69	6.664.891
1980	5.250.940	67.55	2.522.897	32,45	7.773.837

Fonte: IBGE (2001).

Em *Estrada Nova* (1954), esse processo de concentração fundiária e de crédito, leva o personagem Janguta ao desespero, sem ter como continuar sua vida sem aquela terra de onde tirava o sustento para a família. Nem mesmo a antiga classe oligárquica, cujo poder assentava-se na posse fundiária escapou do impacto modernizante. O Coronel Teodoro de *Estrada Nova* encontra-se desprestigiado politicamente, devido ao rompimento dos laços de clientelismo, que resultou na decadência do mandonismo diante da nova realidade do voto secreto nas eleições. Interessante lembrar que esta última obra da trilogia foi escrita durante o governo de Dutra (1946-1951), período em que ocorreu o fim do Estado Novo e o retorno da democracia liberal.

Esse impacto da modernização política e econômica afeta dramaticamente todos os personagens da obra *Estrada Nova*, servindo de culminância para um processo de três décadas nas quais a urbanização, a diversificação econômica e a concentração fundiária afetaram profundamente o estilo

de vida dos trabalhadores rurais. Mesmo entre os grandes proprietários o estilo de vida também foi afetado, como o personagem de Leandro Antunes, que deixou de viver em sua fazenda, para viver na cidade, vindo apenas esporadicamente até sua propriedade rural. Outro personagem que denota essa mudança é o de Ricardo, filho de Janguta, que depois de dar baixa do exército, permaneceu na cidade onde viveu modestamente como contador. Ao final da obra, até mesmo o personagem do Coronel Teodoro, que apreciava tanto sua fazenda, pretende deixar o campo e rumar para a cidade. Ou seja, o campo deixou de ser o lugar de referência como lugar vivido, tanto para as pessoas ricas como para as pobres. No caso das pessoas ricas, o status social era maior quando se vivia em uma luxuosa casa da cidade. Já para as pobres, ir para cidade torna-se a única opção, pois não havia espaço nem incentivo para a continuidade da vida no campo, tal como aconteceu com o personagem Janguta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas primeiras páginas deste artigo, destacou-se a possibilidade de intersecção entre as narrativas literária e histórica, por meio da verossimilhança estabelecida pelo autor entre o conteúdo ficcional e o contexto histórico que circunscreve o enredo. Na trilogia do *gaúcho a pé*, de Cyro Martins, essa verossimilhança vai ao extremo, na medida em que o autor busca denunciar as péssimas condições de existência do trabalhador rural da região da Campanha gaúcha, com máxima fidelidade ao contexto histórico.

Pode-se dizer que esse foi o aspecto que projetou distintivamente Cyro Martins entre os literatos sul-rio-grandenses, especialmente quando se lembra da literatura ufanista do tipo social *gaúcho*, largamente difundida entre os leitores desta região do país. Mas igualmente é possível afirmar que a qualidade literária das três obras esteve subordinada à preocupação moral de fielmente retratar uma conjuntura histórica e social, dentro de uma perspectiva de realismo social que colocou o *acontecimento* (as transformações sócio-econômicas na região da Campanha gaúcha entre 1930 e 1960) como o referencial externo totalizador da coerência narrativa, o que, de certa maneira, diminuiu a liberdade estética e criativa do autor.

Quando são utilizadas obras literárias como objeto da historiografia, é necessário reconhecer a necessidade da autonomia estética da obra literária e destacar que o historiador, ao tomá-las como uma demonstração concreta das sensibilidades e visões de mundo de um dado contexto histórico e social, tem de fazê-lo com grande parcimônia. Na trilogia do *gaúcho a pé*, em função do engajamento do autor, as inferências e digressões históricas são enormemente facilitadas, restando saber se, no período em que tais obras foram lançadas por primeira vez, os efeitos da sua recepção pelo público leitor favoreceram o despertar da visão crítica e sociologicamente embasada acerca da pobreza do homem do campo.

Não foi o propósito deste artigo discutir tal recepção, mas ao se tomar a obra literária como fonte histórica tem-se a possibilidade de explorar a experiência estética como parte do esforço de alargamento da compreensão sobre nossos antepassados e suas existências concretas, em uma conjuntura histórica de intensa transformação da estrutura econômica e social. A tecnologia e a estrutura fundiária, banalizadas como elementos característicos de uma sociedade em estágio avançado do capitalismo, foram fatores que desestruturaram um estilo de vida e uma visão de mundo, tornando incompatível a correspondência imediata entre o *gaúcho* pobre (e a pé) e o *centauro dos pampas*, apresentado como ícone da identidade sul-rio-grandense.

Nota

[1] A posse da terra pelos estabelecimentos agropecuários acentuou-se após a década de 1960. Em termos percentuais em relação à área total, a fronteira agrícola era de 69% em 1960 e passou para 81% em 1970 e atingiu 86% em 1980. Ver mais em Marco Aurélio Lisboa (1987).

Referências

ALONSO, J. A. F.; BENETTI, M. D.; BANDEIRA, P. S. Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: Causas e Perspectivas. Porto Alegre: FEE, 1994.

ALVES, Flamarion Dutra; SILVEIRA, Vicente Celestino P. Evolução das desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: espaço agrário, imigração e estrutura fundiária In Caminhos de Geografia. Uberlândia v. 9, n. 26, Jun/2008.

DURKHEIM, Émile. O suicídio: estudo de Sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FELIX, Loiva Otero. Coronelismo, borgismo e cooptação política. 2. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

INSTITUTO BRASILEIO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Malha Municipal Digital do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2001. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/territ_doc1.shtm>.

LISBOA, Marco Aurélio. Considerações sobre o êxodo rural na região Sul entre 1970 e 1980. Porto Alegre: SUDESUL, 1987.

MAROBIN, Luiz. A literatura no RS. Porto Alegre: Martins, 1985.

MARTINS, Cyro. Estrada Nova. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1985.

MARTINS, Cyro. Porteira Fechada. 10 ed. Porto Alegre: Movimento, 1993.

MARTINS, Cyro. Sem Rumo. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1977.

OLIVEN, R. G. A parte e o todo. Petrópolis: Vozes, 1992.

PESAVENTO, Sandra J. República velha gaúcha. Charqueadas – frigoríficos – criadores. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/ Ed. Movimento, 1980.

RICÆUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental, in VELHO, Otávio G. (Org) O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

* Artigo resultante de um projeto de pesquisa que contou com o apoio da UNIFRA.

Recebido em: 20.06.2010.

Aprovado em: 28.07.2010.

** Professor do Curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil.

*** Aluna do curso de História, bolsista de iniciação científica do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).

**** Aluna do curso de História, bolsista de iniciação científica do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).